

Título: “ÉTICA NO MUNDO GREGO”

Title: “WORLD GREEK IN THE ETHICS”

*Ana Patricia Gonzalez da Silva

Pós-Graduanda do Instituto de Direito Constitucional e Cidadania.

RESUMO

A Ética se define a um comportamento bom, que regula o comportamento social da *pólis* (πόλις), de maneira a construir o limite social dos sujeitos. Pautado em virtude e lei consuetudinária, o comportamento dos cidadãos atenienses do século IV a. C. determina uma convivência de costumes e tradições sociais definidas em um contexto em que há uma fusão entre instituições sociais e virtude do homem grego. Neste mesmo panorama há, ainda, a percepção da rejeição da História por Aristóteles, que deixa clara a junção da poesia com a trajetória humana. Com foco em Atenas, poder-se-á esculpir, por meio de uma sociedade distinta da atual, a dimensão deste conceito de Ética no mundo contemporâneo, assim como no mundo antigo. Ressalta-se, desta maneira, que a Ética tem sido um dos elementos mais questionáveis na sociedade atual, principalmente no que diz respeito à convivência social intra e inter grupos (profissionais, sociais, culturais, etc). Assim, ao aportar no cais da Grécia Antiga, há de se reportar, no conceito de Aristóteles, que a Ética é humana e sua deliberação exige razão.

ABSTRACT

Ethics is defined to a good behavior, which governs the social behavior of the *pólis* (πόλις), in order to build the social limit of subjects. Guided by reason and customary law, the behavior of Athenians citizens of the fourth century b. C. causes a coexistence of social customs and traditions set in a context where there is a fusion between social institutions and virtue of the Greek man. In the same scene is also the perception of rejection of History by Aristotle, who makes clear the junction of the poetry with human's trajectory. With focus in Athens, a society other than the current, may be carved the size of this concept of ethics in the contemporary world, as well as in the ancient world. It is thus that ethics has been one of the most questionable in the

present society, particularly with regard to social coexistence intra and inter groups (professional, social, cultural, etc). Thus, to contribute on the studies of Ancient Greece, there to report, in the conception of Aristotle, that ethics is human and its resolution requires reason.

PALAVRAS CHAVE

Dignidade Humana. Ética. Principio.

KEY WORDS

Human Dignity. Ethics. Beginning.

TEXTO

1 – DISCUTINDO SOCRÁTES, PLATÃO, ARISTÓTELES, PÉRICLES, DEMOCRITO E CLEMENCEAU: UM DIALÓGO ENTRE O DIREITO E A ÉTICA

O passado é uma massa desconexa de dados incontados e incontáveis que dimensiona uma dinâmica de infundáveis debates gerados por coisas que teriam sido realmente.

Toda essa discussão mantém o que se vive e o que se conhece da História. Assim, com esta seleção de filósofos em torno de um foco, abre-se o diálogo entre o Direito e a Ética.

Na relação entre Direito e Ética grega assim se posicionavam os filósofos que passaremos a analisar:

Como ensinava Sócrates, justiça é “aquela simetria entre o justo agir e o reto pensar”, onde a cidade era o espelho da virtude de seus cidadãos.

Por outro lado, Platão¹, a princípio, iguala a justiça ao poder do mais forte, porém, na República a formula como sendo o direito de ofício de cada classe que compõe a cidade. De forma que, cada qual era responsável por aquilo que lhe condizia,

¹ Platão de 428/27 a.C. até 347 a.C.

ou seja, os guardiões governavam, os soldados combatiam e os da classe econômica produtiva produziam.

Já Aristóteles² acreditava que o “justo” constava em lei, organizando um sistema que fez nascer o ordenamento jurídico em si. Formavam-se os pilares da Ética a Nicômaco, escrita a seu pai.

Basta, portanto, que haja um estudo mais aprofundado para ficar perceptível que a dimensão abrangida pela Ética, na formação do alicerce social em que a inserimos, é decorrentes de vários precursores mesmo quando o objeto jurídico em igual quantidade a reclama. Assim, tal qual em Ética a Nicômaco, o mundo grego se construiu pelas partes de um Direito natural relacionado à ação social entre os homens.

Neste sentido:

O que origina o problema é o fato de o equitativo ser justo, porém não o legalmente justo, e sim uma correção da justiça legal. A razão disto é que toda lei é universal, mas não é possível fazer uma afirmação universal que seja correta em relação a certos casos particulares. (ARISTÓTELES, 2005, p.125)

Ainda, em Aristóteles, se constata que Direito natural é um conjunto de princípios corolários de leis capazes de universalizar padrões de comportamento ético.

Destes valores, o poder se legitima perante a Ética pactuada por todos os integrantes que, a partir de Péricles, passam a participar ativamente por meio da democracia, na qual o homem é senhor de tudo e dispõe da coisa pública, de acordo com as regras do poder familiar religioso. Desta forma, portanto, se faz necessário analisar também a influência da religião na formação da Ética (COULANGES, 2005). Neste contexto, o homem torna-se legislador e aplicador em um só tempo, sob o aspecto de que haverá regras que não terá a autoridade absoluta da lei como prega a visão positivista do Direito. Sempre que se afastam do seu espírito geral da lei, posto que, em outro ângulo, devem ter a mesma autoridade sobre princípios éticos de seu tempo. (ARISTÓTELES, s/d)

Ademais, na concepção grega, os historiadores constatam que a Ética é um sistema prático que co-relaciona, harmonicamente, Direito natural e razão humana.

Indo mais a diante chegamos a Roma, o berço do Direito até os dias atuais, porém sem ter sido influenciado pela Grécia, é necessário entender que o mundo

² Aristóteles de 384 a.C. até 322 a.C.

romano não seria tal qual o conhecemos. Esta é a principal importância de se estudar a Ética no mundo grego.

A história deontológica da Ética passa de forma atávica pelos filósofos da Grécia, se expandindo consideravelmente entre a teoria da reminiscência³. De Platão à teoria da *personalitas*⁴, de Aristóteles.

Nesta bifurcação teórica, sobre a base socrática, a visão de mundo para estes filósofos gregos se expande de forma objetiva e realista, pregando a aprendizagem humana com a precedência da sensação e sua independência. Visando, contudo, humanizar o Direito e flexibilizar as regras exteriores das normas jurídicas.

Platão concebeu a lei com base em um conceito ético que a posiciona como a verdadeira natureza que deve levar o homem a fundá-la e justificá-la. Já Aristóteles, com base socrática-platônica, direciona a Ética dentro de uma lei como forma de um agente regulador da natureza por si só, sendo o preceptor da inteligência humana (ARISTÓTELES, s/d).

Assim, na pluralidade de valores inerentes à sociedade, se pensa o indivíduo eclético na busca de uma harmonia de todos os integrantes do meio social, respeitada às diferenças coletivas.

Vale ressaltar, neste conjunto, as considerações de Demócrito⁵, precursor do materialismo, para o qual a natureza é um conjunto de vazios e átomos, partículas materiais indivisíveis, eternas e invariáveis, sendo que para ele nada nasce do nada. De acordo com Demócrito, a alma é feita de átomos e o conhecimento sensorial é devido à emissão, pelos objetos, de substâncias muito finas que agem sobre os sentidos. Lembramos que teve Demócrito uma cultura semelhante à de Aristóteles, portanto, a Ética é bem mais do que uma simples palavra, esta forma uma dimensão de valores e princípios universais, no intuito de construir um ambiente viável e respeitador do indivíduo singular eclético.

Nestes princípios se baseiam a formação do conceito de Ética grego, como uma especulação de costumes, ou seja, transcendentem às práticas habituais de conduta no contingente sociável, pois se projetam valores que passam a ser positivados, aplicados

³ Para Platão a Teoria da Reminiscência afirmava que o homem durante sua vida na terra recordava o saber de suas vidas passadas.

⁴ Para Aristóteles a Teoria da *Personalitas* se referia ao homem como único responsável sobre seus atos, ao interagir com a cidade.

⁵ Demócrito de 460 a.C. até 370 a.C.

na prática social. Deriva, assim, a Ética de sua essência como reflexão sobre a conduta humana real.

Sendo que a virtude (*Arete*) floresce no homem através de sua racionalidade e conhecimento, sem um exato saber das probabilidades de ações praticadas pelos homens, não é possível uma ação justa em sua essência. Neste sentido, sempre que há saber, a ação justa resulta automaticamente.

Verifica-se, com isso, a decorrência do saber como raiz de toda ação Ética, e a ignorância é a fonte de todos os erros na tentativa de harmonizar a contingência social.

Em um terreno onde se disputa Natureza e Lei, a Ética é para os gregos uma teoria da arte de viver, onde o próprio homem é o seu autor e ator. Desta forma, a lei (*nomos*) é uma condição necessária para a vida civilizada da cidade, convencionando a tentativa dos homens de definir, por eles mesmos, as condições normativas de sua própria existência Ética.

Pensando no por vir, Aristóteles criou a Escola da Paidéia⁶ onde, andando em círculos, os discípulos, peripatéticos⁷, refletiam as relações humanas, pela discussão das idéias projetavam a Ética na ação social de poder entre os indivíduos singulares.

Aristóteles, por vez, em sua metafísica, revelou a evidência que a sensação era capaz de criar, devido a uma espécie de reservatório de imagens que o ser humano articula entre as sensações táteis, visuais, auditivas, gustativas e olfativas, que são trabalhadas pela inteligência (ARISTÓTELES, s/d). Neste exercício de filosofia em que a maturidade do mundo se expandia, por meio de uma constante atávica a cuidar do futuro de forma a dar manutenção ao presente, há excelência do homem enquanto possibilidade Ética. Nesta escola, é o homem o centro de tudo, um ser autêntico e verdadeiro, ou seja, os homens de Estado são quem devem refletir o tipo de vida que naturalmente se é melhor viver.

Por fim o saber ético é saber qual o fim a ser atingido, sendo a lei o equilíbrio e a norma a igualdade.

Além disto, a virtude, que antecede a Ética, é o exercício de dominar as paixões, as emoções e os instintos humanos⁸.

⁶ Escola da Paidéia 336 a.C.

⁷ Ambulante / Itinerante

⁸ Estoicismo

Entende-se, desta forma, que o verdadeiro homem livre é aquele que sabe dominar seus instintos, sendo o homem escravo quando, não sabendo dominar seus instintos, torna-se vítima deles⁹.

Assim, o conhecimento produzido pelo indivíduo, por natureza, só é inerente a sua possibilidade. Ademais, este tem a potencialidade de atualizá-los.

Por conseguinte, o hábito transcende o homem à sua própria natureza, sendo muitas vezes impossível alterá-lo. De maneira que, nestas condições, a capacidade de realização do homem passa pela responsabilidade de se autodeterminar. Ao contrário disto, o vício é a distinção de caráter e a morte da sua realização ética. Embora Sócrates alertasse, em sua filosofia, que novos e velhos não se preocupassem com o seu corpo e com a sua fortuna, mas sim com a perfeição da sua alma (JAEGGER, 1986).

De tal forma, distante disto, diz Clemenceau “os gregos viviam ‘na doce paz da decadência, aceitando toda a espécie de servidão, à medida que surgiam’, pois sua tradição os vestião de maneira natural a cultura decadente.” (*apud* FINLEY, 1963)

Então, neste cenário inebriante, a visão além do território Grego, deixava perceptível a Ética grega que se perde pelo elemento dionisíaco, ou melhor, dizendo, pelas influências dos cultos a Dionísio que se instalaram por toda a Grécia, desarmando seu exército e viciando a Ética, pela importância atribuída ao corpo e à fortuna. Com o Deus Dionísio de origem hindu, as dionisíacas marcam a transição para o século IV a. C., que demonstra a decadência ética grega.

Por fim, a oligarquia Espartana ocupa o território¹⁰ ateniense. Posteriormente, já nos fins do primeiro milênio depois de Cristo, os árabes mulçumanos revivem a Ética grega na expansão européia. Com isso, os filósofos gregos analisados nesta pesquisa chegam à atualidade e sua Ética transpassa o tempo e ressurge atual como nunca.

Fica, assim, revelado não o surgimento de uma nova ordem Ética, mas antes a necessidade de se refletir, sistematizar e defender conceitos que eram antes dados como autêntico.

A Ética no mundo grego ganha espaço na produção filosófica de Platão. No entanto, ao mundo do Direito, a visão se enquadra ao conceito Aristotélico. Posto que, com Aristóteles, surge o ente, ou seja, o sujeito possuidor de Direito da personalidade, inerente à formação da Ética quanto instituto.

⁹ Filosofias helenísticas

¹⁰ 168 a.C. aproximadamente

Sendo, Péricles , fundador da democracia grega, e anterior a Aristóteles, temos que a democracia é anterior aos conceitos de ética de Platão e Aristóteles, o que gera uma relação de poder capaz de corromper a ética do homem puro.

Tanto na visão de Platão quanto Aristóteles era a Oligarquia a forma de governo ideal, pois combinava os poderes, sem ser corrompida pela fortuna e desejo de poder do homem impuro, materialista. O que leva a refletir sobre a corrupção humana perante o poder, fazendo de uma determinada forma de governo o reflexo da ética pensada versus a vivida. Este conceito é construído a partir de uma figura de homem ideal para uma sociedade perfeita. Coloca-se em risco, assim, a sustentabilidade do perfeito equilíbrio da convivência social harmônica entre os homens (entes de direito), causando entre a ética, a democracia e o governo “ideal” um conflito de valores.

Por fim, a função ética do indivíduo singular somada à mutabilidade de seus princípios formais, perante um Estado maior, se faz no campo da ciência perante uma ânsia incontrolável de questionamentos e “problematizações”, a se conduzir o sagrado, o patrimônio público.

2 – A PÓLIS GREGA: DESCONTINUIDADE DA MORAL ANTIGA VERSUS VALORES DA FIGURA HUMANA NA ARTE GREGA

Analisar a figura humana no contexto da *Pólis* Grega é identificar o reflexo da publicidade dos pensamentos de seus artistas e filósofos. Os princípios espirituais, religiosos, mítico e poético intensificavam a reflexão sobre a vida comunitária.

A pólis, desde seus inícios, entre os séculos VIII e VII, “assinala um ponto de partida, uma verdadeira invenção”, já que nela “a vida social e as relações entre os homens assumiram uma forma nova”: temos “uma extraordinária presença da palavra”, e a “argumentação”; as “manifestações mais importantes da vida social” têm um caráter de plena “publicidade”, ligadas que estão a “interesses comuns, assumindo um aspecto democrático, inclusive no que tange à cultura; os diversos grupos ou clãs que compõem a cidade são “‘semelhantes’ uns aos outros”, são *isoi*, iguais, até no plano militar (Vernant). (CAMBI, 1999)

Os gregos fizeram do poder da palavra uma unidade divina e inventaram novas práticas para a vida social, também uma nova forma de relação entre os homens. Portanto,

O que implica o sistema da *pólis* é primeiramente uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. Torna-se o instrumento político por excelência, a chave de toda autoridade no Estado, o meio de comando e de domínio sobre outrem. (VERNANT; 2000)

A tradição grega tem na poesia o veículo do mito que ritualmente é cantado e passado de boca em boca, sendo que possuíam uma identidade cultural e uma organização agrária.

Seus intelectuais eram na maioria artista e filósofos. Neste sentido, se analisa a dinâmica existente na construção dos cidadãos e a sua participação e integração cívica na *pólis*.

No curso do século V-IV a. C., a cultura grega – caracterizada agora pelo papel hegemônico de Atenas – entra numa fase de crise e de transformação, em paralelo com uma profunda mudança da sociedade em seu conjunto (CAMBI, 1999, p.85)

A *pólis* clássica da época de Péricles, século V a. C., tinha o significado de comunidade que governa a si própria, não conotava nenhuma forma específica de governo e nem um local determinado, era o conjunto de cidadãos que debatiam problemas comuns e tendiam sempre a auto-suficiência (FINLEY, 1963).

Na construção da ideologia cognitiva sobre a Ética, o homem passou a adquirir consciência à medida que ia experimentando novas vivências. Assim sendo, no decorrer dos tempos, principalmente com a crise esta estrutura clássica da *polis*, gerou a si próprio em um ventre alimentado de questionamentos e problematizações que impulsionavam ao nascimento de novas gerações.

Dentre estas novas gerações que viveram a crise da democracia e da *polis* clássica, estão os filósofos estudados.

Platão (420-348 a. C.) já havia atentado para as mudanças na *pólis*, o “amor de si” dominou o coração grego e as mais diversas superstições imperaram sobre seus espíritos.

No entanto, as festividades sagradas haviam se esvaziado, mas sua importância como meio de sociabilidade e ratificação do poder da elite continuou durante toda a época helenística¹¹ (CARVALHO, 2007), sendo possível a percepção de que o homem grego nesta transformação possuía a chave tanto da formação cultural de sua elite como da massa.

De forma que, em *A República*, no diálogo sobre a justiça, Platão constrói sua idéia de *pólis* perfeita (PLATÃO, 1997). Sendo discutido o governo da cidade, da *pólis*, mas antes de tudo, o governo “de si próprio”, que dominou o coração grego, pois a vida individual era inseparável da vida da cidade, da vida pública.

Contudo, Platão ainda entende confrontar o saber tradicional forjado pelas palavras dos poetas com o pensamento dialético, que se esforça não em repetir, por ouvir dizer, como as coisas se passaram ou se passam, mas em determinar melhor as coisas de que se fala e problematiza na *pólis*.

Mas o que faz da *pólis* uma comunidade de vida espiritual são sobretudo as leis e os ritos, que formam a consciência do cidadão e inspiram seus comportamentos por meio de normas que fixam ações e proibições (CAMBI, 1999)

Desta forma, o rito representava a prática, ou seja, a ação que falava até mais do que as palavras quanto à conduta e trajetória grega.

Por outro lado, seus mitos estabeleciam um padrão comportamental (ético, caráter, moral) de normas religiosas e cívicas¹². Para os gregos, os mitos surgiam da reflexão do oráculo, os gregos tinham livre arbítrio sobre os próprios atos, eram puros e a impureza resultante de materialidade.

Ainda neste contexto, tanto Platão como Aristóteles determinam que toda a desestruturação social é decorrente do homem não ter seguido seu livre arbítrio e ter se deixado levar pelo outro. Para eles, a Democracia foi o erro dos gregos, pois era o

¹¹ Sobre a sociabilidade do homem helenístico ver em MURRAY, O. O homem e as formas de sociabilidade, in: VERNANT, J-P. *O homem grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

¹² religião e política não se separam nesta época

sistema mais corrupto que os homens criaram, sendo que eles consideravam a Oligarquia o governo ideal, por ser mais fechada e menos passível de corrupção.

Portanto, a Ética para Aristóteles, como para Platão, está unida à sua filosofia política, já que, para este primeiro, como para o seu mestre, a comunidade social e política é o meio necessário da moral.

Aristóteles foi o primeiro filósofo a distinguir a Ética da política, pelas observações de seu meio e o curso que se dava a trajetória grega, assim concluiu estar centrada a primeira na ação voluntária e moral do indivíduo enquanto tal, e a segunda, nas vinculações deste com a comunidade (ARISTÓTELES, 2005).

No século IV a. C., houve mudanças político-sociais que se estabeleceram e agravaram às arbitrariedades políticas na *pólis*. Muitos decretos passaram a ser mais inflexíveis e as mais diversas superstições derivadas da religião popular tomavam conta da alma do homem grego, o que facilitava sua manipulação (CARVALHO, 2007).

Contexto em que a angústia dos homens provocada pela *pólis* e a piedade às noções de divindade abalada em seu modelo de uma vida sábia e bem-aventurada, passou a preocupar os pensadores gregos, pela descontinuidade da Ética antiga e tradicional. Sendo a virtude grega reproduzida por sua necessidade de salvar um hábito saudável, purificado em sua função moral, fazendo das imagens divinas o paradigma para uma vida virtuosa.

Assim, os valores da figura humana na arte grega constituíram a *paidéia* ateniense, de maneira a traçar normas religiosas e cívicas pela prática de sua formação nas áreas da gramática, ginástica, música e desenho, basicamente.

3 – A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO SOBRE A ÉTICA NA PERSPECTIVA DA GRÉCIA ANTIGA

O mito era o grande mestre dos gregos em todas as questões do espírito. Com ele, aprendiam moralidade e conduta; as virtudes da nobreza e o inestimável significado ou a ameaça da virtude (*hybris*); e ainda sobre raça, cultura e até mesmo política. (FINLEY, 1989)

Assim, deve-se desprender de seus conceitos e valores, para perceber o ponto da história em que a importância da Ética era de fonte atemporal, que não servem de base de cálculo ou sincronizações. Nesse sentido os gregos vivem no tempo, e tão-somente nesse sentido. De maneira que não se pode conhecer, de forma razoável, uma civilização,

se não conhecermos sua língua, seus conceitos, suas formas de expressão (FUNARI, 1995), que querendo ou não sofrem conotações de sentido diferenciado dos atuais, embora, boa parte dos conceitos modernos implicam uma reapropriação de noções oriundas do mundo clássico.

Assim, a importância e pertinência do tema desloca a Ética da Grécia antiga para reconstruí-la com o olhar de uma sociedade contemporânea, toda a história e poesia que o tempo preservou. De forma que, desprender-se dos valores que foram se modificando de geração a geração, conforme a vivência humana, leva o homem de volta as raízes de sua essência.

Como se se desligasse do presente e olhasse o passado, sentindo a alma desta propriedade ambiental, de paisagem e lar que sua universalidade o possibilita tanto quanto a visão crítica da construção histórica.

O abandono da Antiguidade Clássica como objeto de reflexão, por sua vez, leva ao aprofundamento de um abismo entre a formação cultural das elites e das massas na sociedade atual. O mundo clássico pode aparecer tanto como inspirador da luta pela liberdade e pela igualdade, como pode, mais comumente, servir para justificar o *status quo* patriarcal e opressivo de uma nação ou Estado soberano.

Neste contexto, que a importância da Ética na Grécia antiga surge como elo de ligação constante da realidade atual com suas origens ideológicas. Sendo a figura humana e racional do período grego antigo o elo perdido da civilização contemporânea, o conceito de Ética tem distorcido sua essência e o faz ao seu bel prazer como instrumento de gozo, desta masturbação cerebral, que vive o homem na cela do pão e circo oferecido à massa perante a perda de origens ideológicas, propiciada por uma política educacional de baixo nível.

Porém, seria interessante aos interesses políticos, patriarcais e opressivos o resgate de suas próprias origens, sendo lidas com propriedade e visão crítica, se tudo isso serve para opor-se à opressão e ao domínio da massa pela elite. As quais se delimitam por um fio na formação cultural de valores que apreciam, ou não, a importância deste saber atávico que se fez a partir da Antiguidade relida, pelo silêncio dos cegos que sentem à mão do poder.

Ao emergir no mundo grego, nem técnica nem inteligência são critérios úteis. só o interesse explica a diferença do que chegou sobre a Ética e o que se fez conhecido, pois como qualquer civilização, a Grécia mantinha seus interesses em seu tempo.

A Ética no mundo grego, ganha espaço na produção filosófica de Platão. No entanto, ao mundo do Direito a visão se enquadra ao conceito Aristotélico. Posto que, com Aristóteles, surge o ente, ou seja, o sujeito possuidor de Direito da personalidade, inerente à formação da Ética quanto instituto.

Consagra-se, por fim, a função Ética do indivíduo singular somada à mutabilidade de seus princípios formais, perante um Estado maior idealizado pelos seguidores de Aristóteles.

Em um estado limitado, a procura de liberdade individual, com foco para um transcender do nível da expansão de consciência já existente nos filósofos, Platão e Aristóteles, a preliminar do conhecimento na formação do conceito de Ética no mundo grego, se estabelecem por um sistema prático que co-relaciona, harmonicamente, Direito natural e razão humana.

Portanto, o objeto em questão, decomposto a um conceito restrito do ato da criação, faz formamos comportamentos éticos complexos. Pretende-se, contudo, analisar o comportamento humano como algo complexo segundo o conceito ético em vários aspectos. Desde os princípios a gerirem a sociedade até dar-se limite ao homem por leis que o medeie.

O excesso de simplificações e controle levaram o ser humano a uma caricatura da própria História, já distante dos filósofos clássicos, mas sempre em uma constante de ligação da realidade atual com suas origens ideológicas, que possibilitam o abuso conceitual de uma versão de uso descarado da Ética pela contemporaneidade. Um estupro de valores que acaba por ter diluído seu potencial significativo, neste sangrar de vergonha perante a Ética que antes representava-se pelo ser honesto, honrado, desinteressado de falácias. Ou seja, um sacerdote no sentido de conduzir o sagrado e, nada mais sagrado do que a coisa pública, a dedicação de alma e coração à *pólis*, para servir e zelar com dom de estadista no respeito ao bem comum; representando um povo no qual se confia.

Por outro lado, as caricaturas sobre os conceitos de Ética elaborados, a partir do mundo grego, chegam como uma conduta inatingível com aparência de elites extraterrestres a quem, um simples mortal, deve reverência e rapa-pés, pois a condução da cultura chegou como através de uma singela manobra das massas na civilização evoluída do que era uma *pólis*.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES; CHAVES, Nestor Silveira (tradução). **A Política**. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint Gráfica S.A.; s/d.

ARISTÓTELES; NASSETTI, Pietro (tradução). **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Ed. Martin Claret; 2005.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. Fundação Editora da UNESP (FEU); 1999.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Ed. Martin Claret; 2005.

CHÂTELET, François. "As Filosofias helenísticas: Estoicismo, Epicurismo, Ceticismo." In: *História da Filosofia: idéias, doutrinas*. Vol. 1 - **A Filosofia Pagã**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp: 167-198.

CARVALHO, Rafael Virgílio de. "Linha de pesquisa: religião e visões de mundo" In: Programa de Pós-Graduação em História, Área de História e Sociedade, Mestrado. **O ateísmo em Epicuro e a formação do *habitus* político epicurista**. Assis, 2007. (projeto de pesquisa digitalizado)

FINLEY, M. I. **Os Gregos Antigos**. Trad. Artur Mourão. Lisboa – Portugal: Ed. Edições 70; 1963.

_____. **Usos e Abusos da História**. São Paulo: Ed. Martins Fontes; 1989.

_____. **Economia e Sociedade na Grécia Antiga**. : Ed. Martins Fontes; s/d.

_____. **El Mundo de Odiseo**. México: Ed. Fonde de Cultura Econômica; 1961.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Análise documental e o estudo da Antiguidade Clássica**. Campinas, UNICAMP, 1995. Primeira Versão, 58.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp; 1990.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Ed. Martins Fontes; 1986.

MOSSÉ, Claude. **As instituições Gregas**. Lisboa, Edições 70, 1985.

PLATÃO; CORVISIERI, Enrico (tradução). **A República**. São Paulo: Ed. Nova Cultura Ltda.; 1997.

THEM, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Mri da Cunha; LESSA, Fábio de Souza (organizadores). **Olhares do Corpo**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad; 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Sociedade na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1999.

_____ ; VIDAL-NAQUET, Pierre; APPENZELLER, Marina
(tradução). **Trabalho e Escravidão na Grécia Antiga**. Campinas: Ed. Papyrus; 1989.

_____ ; FONSECA, I.B.B. **As Origens do Pensamento Grego**. 11^a
edição. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil; 2000.